

# ESCOLA DE DIREITO

Reinventando a escola multisseriada



# ESCOLA DE DIREITO

Reinventando a escola multisseriada

Maria Isabel Antunes-Rocha

Salomão Mufarrej Hage

[Orgs.]



Copyright © 2010 Os organizadores

COORDENADORAS DA COLEÇÃO CAMINHOS DA EDUCAÇÃO DO CAMPO

*Maria Isabel Antunes-Rocha* (UFMG), *Aracy Alves Martins* (UFMG)

CONSELHO EDITORIAL

*Antônio Júlio de Menezes Neto* (UFMG), *Antônio Munarim* (UFSC), *Bernardo Mançano Fernandes* (UNESP), *Gema Galgani Leite Esmeraldo* (UFC), *Miguel Gonzalez Arroyo* (Professor Emérito da FaE/UFMG), *Mônica Castagna Molina* (UnB), *Salomão Hage* (UFPA), *Sonia Meire Santos Azevedo de Jesus* (UFS)

FORMATAÇÃO INICIAL DO TEXTO

*Oscar Ferreira Barros* e *Ana Cristina Rangel da Luz*

CAPA

*Alberto Bittencourt*

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA

*Christiane Moraes de Oliveira*

REVISÃO

*Lira Córdova*

EDITORA RESPONSÁVEL

*Rejane Dias*

Revisado conforme o Novo Acordo Ortográfico.

Todos os direitos reservados pela Autêntica Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

#### **AUTÊNTICA EDITORA LTDA.**

Rua Aimorés, 981, 8º andar. Funcionários

30140-071. Belo Horizonte. MG

Tel: (55 31) 3222 68 19

TELEVENDAS: 0800 283 13 22

[www.autenticaeditora.com.br](http://www.autenticaeditora.com.br)

#### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Escola de direito : reinventando a escola multisseriada / Maria Isabel Antunes-Rocha, Salomão Mufarrej Hage (organizadores) . – Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2010. – (Coleção Caminhos da Educação do Campo ; 2 )

Bibliografia.

ISBN 978-85-7526-487-4

1. Direito à educação 2. Educação rural 3. Pedagogia 4. Políticas educacionais 5. Políticas públicas I. Antunes-Rocha, Maria Isabel. II. Hage, Salomão Mufarrej. III. Série.

10-07517

CDD-370.193460981

Índices para catálogo sistemático:

1. Brasil : Escolas rurais multisseriadas :  
Educação do campo 370.193460981

# Sumário

## PREFÁCIO

### Escola: terra de direito

*Miguel G. Arroyo*..... 9

**Apresentação** ..... 15

## PRIMEIRA PARTE

### Escolas multisseriadas frente aos desafios da garantia do direito e da qualidade do ensino no campo

**Carta pedagógica 01**..... 23

### Capítulo 1 - Retratos de realidade das escolas do campo: multissérie, precarização, diversidade e perspectivas

*Oscar Ferreira Barros, Salomão Mufarrej Hage, Sérgio Roberto Moraes Corrêa e Edel Moraes*..... 25

### Capítulo 2 - Políticas educacionais, modernização pedagógica e racionalização do trabalho docente: problematizando as representações negativas sobre as classes multisseriadas

*Fábio Josué Souza dos Santos, Terciana Vidal Moura*..... 35

### Capítulo 3 - Programa Escola Ativa: um pacote educacional ou uma possibilidade para a escola do campo?

*Gustavo Bruno Bicalho Gonçalves, Maria Isabel Antunes-Rocha, Vândiner Ribeiro*... 49

### Capítulo 4 - Políticas de educação (a partir dos anos 1990) e trabalho docente em escolas do campo multisseriadas: experiência em município do Rio Grande do Norte

*Márcio Adriano de Azevedo, Maria Aparecida de Queiroz*..... 61

**Capítulo 5 - Diversidade ou desigualdade? As condições das escolas de fazenda na Ilha de Marajó: uma contribuição para o debate sobre as escolas multisseriadas na Amazônia**

*Sônia Maria da Silva Araújo*..... 73

**Capítulo 6 - A Lei nº 10.639/03 na Educação do Campo: garantindo direito às populações do campo**

*Leila de Lima Magalhães*..... 85

**Capítulo 7 - Condições de funcionamento de escolas do campo: em busca de indicadores de custo-aluno-qualidade**

*Ana Cláudia da Silva Pereira*.....95

**SEGUNDA PARTE**

**Educação do campo e pesquisa: retrato de realidade das escolas multisseriadas**

**Carta pedagógica 02**.....135

**Capítulo 8 - Escola rural ribeirinha de Vila de Madeireira: currículo, imagens, saberes e identidade**

*Ana Cláudia Peixoto de Cristo*..... 137

**Capítulo 9 - Um professor, sua formação e subjetividade refletidas nas práticas pedagógicas**

*Ilsen Chaves da Silva*..... 155

**Capítulo 10 - Possibilidades de estruturação curricular das escolas no campo a partir das representações sociais dos jovens do campo**

*Wíama de Jesus Freitas Lopes*..... 167

**Capítulo 11 - A proposta pedagógica da escola ativa e suas repercussões no trabalho das professoras de classes multisseriadas em Mato Grosso**

*Nilza Cristina Gomes de Araújo, Maria Regina Guarnieri*..... 181

**Capítulo 12 - A materialização do currículo na escola multisseriada ribeirinha**

*Maria do Socorro Dias Pinheiro*..... 193

**Capítulo 13 - O ensino de Ciências em classes multisseriadas: investigando as interações em aula**

*Maria Natalina Mendes Freitas, Terezinha Valim Oliver Gonçalves*..... 219

**Capítulo 14 - Políticas públicas e classes multisseriadas: (des)caminhos do Programa Escola Ativa no Brasil**

*Jacqueline Cunha da Serra Freire, Ilda Estela Amaral de Oliveira, Wanderléia Azevedo Medeiros Leitão*..... 231

## TERCEIRA PARTE

**Práticas pedagógicas e inovação nas escolas do campo: construindo caminhos de superação da precarização do ensino multisseriado**

**Carta pedagógica 03**..... 251

**Capítulo 15 - Plantando a Educação do Campo em escola de assentamento rural através de temas geradores**

*Maria do Socorro Xavier Batista, Luciélío Marinho da Costa*..... 253

**Capítulo 16 - Formação continuada de professores de classes multisseriadas do campo: perspectivas, contradições, recuos e continuidades**

*Albene Lis Monteiro, Cely do Socorro Costa Nunes*..... 263

**Capítulo 17 - Educação do campo no contexto do semiárido: tessituras de um processo**

*Adébora Almeida R. Carvalho, Ivânia Paula Freitas de Souza, Juscelita Rosa Soares F. de Araújo, Solange Leite de Farias Braga*..... 285

**Capítulo 18 - Ser professora de classes multisseriadas: trabalho solitário em espaço isolado**

*Ana Maria Sgrott Rodrigues, Rosália M. R. de Aragão*.....301

**Capítulo 19 - Rituais de passagem no campo da linguagem: reconhecimento, valorização e diferenças culturais**

*Ilse Chaves da Silva*..... 317

**Capítulo 20 - Ensino de História e alternância: algumas possibilidades**

*Neila da Silva Reis*..... 325

**Capítulo 21 - Travessias curriculares em Ilhas de Belém: os ciclos de formação nas escolas ribeirinhas**

*Eliana Campos Pojo, Maria de Nazaré Vilhena*..... 339

**Capítulo 22 - “Escolas (in)sustentáveis, sociedades (in)sustentáveis”: sobre os rumos da educação na Terra do Meio – Pará – Brasil**

*Flávio Bezerra Barros, Vivian Zeidemann*..... 353

## POSFÁCIO

**Pela transgressão do paradigma multisseriado da escola do campo: algumas referências para o debate**

**Carta pedagógica 04**..... 375

**Capítulo 23 - Escolas Sateré-Mawé do Marau/Urupadi: limites e possibilidades da multissérie na educação escolar indígena**

*Valéria A. C. M. Weigel, Márcia Josanne de Oliveira Lira*..... 377

**Capítulo 24 - Heterogeneidade: fios e desafios da escola multisseriada da Ilha de Urubuoca**

*Maria Natalina Mendes Freitas*..... 389

**Capítulo 25 - Transgredindo o paradigma (multis)seriado nas escolas do campo**

*Edel Moraes, Oscar Ferreira Barros, Salomão Mufarrej Hage, Sérgio Roberto Moraes Corrêa*..... 399

**Os autores**..... 417





Prefácio

## Escola: terra de direito

Miguel G. Arroyo\*

Esperançosas narrativas das escolas do campo. Como ler essas narrativas? Que esperanças carregam? Com o olhar positivo que vem da dinâmica do campo, da terra. Quando os povos dos campos em sua rica diversidade se mostram vivos, dinâmicos, até incômodos fecundam e dinamizam mesmo a escola. Obrigam-nos a redefinir olhares e superar as visões inferiorizantes, negativas, com que em nosso viciado e preconceituoso olhar classificamos os povos do campo e seus modos de produção, a agricultura familiar e suas instituições, a família, a escola.

Começamos destacando uma primeira impressão positiva dessas narrativas do campo e das escolas do campo: são 25 textos de pesquisas, análises e intervenções, produzidos por 42 autores de uma diversidade de escolas, universidades, centros de pesquisa, dos cursos de licenciatura, de pedagogia e de pedagogia da terra, de mestrado e doutorado. Educadores(as) que trabalham nas escolas, nas secretarias de Educação e na diversidade de fronteiras dos movimentos do campo, à Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade do Ministério da Educação (SECAD-MEC).

O interesse pela Educação do Campo vem crescendo e puxando olhares mais atentos. O que provoca esses olhares? Lembro de uma mulher garimpendo ouro em um dos riachos de Minas Gerais, a repórter perguntou: “é fácil ver a pepita de ouro ao girar a bateia?” “As pepitas de ouro puxam o olho da gente”, respondeu a mulher garimpeira.

Nesse dinâmico girar e lutar, os povos do campo em tantas ações e movimentos puxam o olhar amedrontado dos donos da terra, dos donos do poder, das leis, das

---

\* Professor Titular Emérito da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Doutor em Educação pela Stanford University.

Comissões Parlamentares de Inquéritos (CPIs), dos aparatos da coerção e repressão, dos mantenedores da ordem e dos direitos de propriedade. Um olhar de medo. Mas também, nesse girar e lutar, terminam puxando o olhar atento dos gestores de políticas e da academia, do “latifúndio do saber”, da pesquisa e da produção teórica.

Aqui estão alguns de muitos produtos-narrativas-análises de coletivos que foram puxados a pesquisar, analisar com olhar atento, compromissado com a Educação do Campo. Mais um indicador de que os povos do campo em suas ações e movimentos não provocam apenas reações de repressão e até de extermínio, mas incitam olhares atentos, incomodam, indagam, questionam o nosso pensar pedagógico e nossas políticas. A academia passou a mirar a escola e o conjunto de processos educativos que acontecem no campo com outros olhares, e começou a se ver com outras funções sociais. O campo contaminou com sua dinâmica e indagações o pensamento pedagógico. Um dado de extrema relevância que estes textos expõem. Não é a academia, nem o MEC ou as secretarias que puxam o olhar para o campo: é sua dinâmica incômoda que nos acorda e atrai nossos olhares.

### **Reinventando as escolas multisseriadas**

A pepita de ouro que puxa nossos olhos nestes textos é a escola multisseriada. Entre tantos significados destas narrativas, merece destaque mostrar que as escolas multisseriadas estão sendo levadas a sério, sendo reinventadas, e não mais ignoradas nem desprezadas como escolas do passado.

Uma primeira lição: as escolas multisseriadas merecem outros olhares. Predominam imaginários extremamente negativos a ser desconstruídos: a escola multisseriada pensada na pré-história de nosso sistema escolar; vista como distante do paradigma curricular moderno, urbano, seriado; vista como distante do padrão de qualidade pelos resultados nas avaliações, pela baixa qualificação dos professores, pela falta de condições materiais e didáticas, pela complexidade do exercício da docência em classes multisseriadas, pelo atraso da formação escolar do sujeito do campo em comparação com aquele da cidade...

Difícil superar essas visões tão negativas do campo e de suas escolas porque reproduzem visões negativas dos seus povos e das instituições do campo. Estes textos nos provocam esta interrogação urgente: a quem interessa essa visão tão negativa da escola do campo e dos povos do campo? Por que ver o campo como problema? Para ver o Estado, as políticas, como solução? Para reduzir seus povos a meros destinatários agradecidos de nossas políticas e intervenções-solução?

Os textos partem da constatação histórica de que essas imagens tão negativas do campo e de suas escolas tiveram e têm uma intencionalidade política perversa: reduzir o campo, suas formas de existência e de produção de seus povos à inexistência. A escola do campo é, assim, considerada como não escola, não

educandário, sem qualidade; os educadores-docentes, como não educadores, não docentes; a organização curricular não seriada, multisseriada, como inexistente; os diversos povos do campo, na pré-história, na inferioridade cultural. Em contraposição, a cidade, assim como a escola, os currículos seriados, seus docentes e sua qualidade, são existentes. Padrões de referência e paradigmas de modernidade, cientificidade, conhecimento, produtividade, que têm classificado, hierarquizado nossas escolas, docentes e coletivos que as frequentam.

Enquanto esses imaginários e paradigmas hierarquizantes, inferiorizantes, segregadores persistirem as pesquisas e análises nascerão viciadas, preconceituosas.

Outro ponto merece destaque: a tendência dessas análises é reduzir a escola a ela mesma. Sua baixa qualidade se explica por fatores intraescolares: condições, formação docente, modelo de organização, enturmação não seriada, heterogeneidade de idades e de aprendizados... Esse olhar escolar é uma das formas reducionistas que prevalece na formulação, gestão, avaliação e análise das escolas. A qualidade intraescolar se explica por si mesma, pelo que dentro dela acontece. Logo haja intervenções dentro e teremos outras escolas: mudemos de organização multisseriada para seriada, e as escolas do campo serão outras. Por décadas giramos nessas boas intenções e não aprendemos que as escolas e o sistema não mudam de dentro porque não são conformadas de dentro.

### **A escola do campo na dinâmica do campo**

Uma das riquezas destes textos é apontar para a necessidade de mudar a visão negativa do campo e de seus povos, a fim de mudar a visão das escolas. É também ver e captar que o campo está vivo, que é um dos territórios sociais, políticos, econômicos e culturais de maior tensão, e que os povos do campo, em sua rica diversidade, afirmam-se como sujeitos políticos em múltiplas ações coletivas.

Pensando a escola nessa dinâmica uma questão se impõe: como abri-la a essa vida? Se tem tanta vida lá fora, como incorporá-la dentro da organização escolar? A escola seriada ou multisseriada será outra se se abrir e repensar nessa dinâmica social.

A questão que se impõe é entender quais processos educativos formadores de identidades, saberes e valores estão em jogo nessa dinâmica tensa e complexa do campo. Que indagações esses processos trazem para a escola do campo, para seus currículos, sua organização, para a formação e função docente-educadora. O paradigma curricular seriado, disciplinário, segmentado seria o modelo a seguir pelas escolas do campo? A formação disciplinar e segmentada de docentes que prevalece para as escolas urbanas será o ideal para acompanhar esta rica, tensa e complexa dinâmica formadora que se dá no campo? As escolas urbanas não estão tentando repensar-se na não menos tensa e complexa dinâmica social e cultural de nossas cidades?

Partindo dessa dinâmica, auscultando suas indagações, as análises da escola seriada ou multisseriada têm de ser outras. Deve-se sair de olhares reducionistas de dentro. Ir além de análises comparativas entre escola da cidade *versus* escola rural, entre escola seriada *versus* multisseriada. Análises cansativas, reducionistas, que nos fecham em vez de abrir-nos a compreensões e a intervenções mais profundas, postas pela dinâmica social.

Essas contraposições entre escola multisseriada e seriada perderam sentido. Avançamos no entendimento de que a organização seriada do conhecimento levou a uma compreensão segmentada, disciplinada, hierárquica e linear tanto dos conhecimentos quanto dos processos de ensinar-aprender. Levou e leva a deixar de fora a riqueza e complexidade que é inerente à produção do conhecimento. Sobretudo, essa organização seriada levou e leva a avaliar, aprovar e, principalmente, reprovar milhões de crianças e adolescentes, de jovens e adultos porque classificados como lentos, desacelerados, com problemas de aprendizagem nos ritmos, na sequência das séries e dos níveis escolares.

Toda organização linear, sequencial, seriada dos processos de aprendizagem, de formação e desenvolvimento humano, de socialização tende a ser homogeneizadora e consequentemente segregadora, injusta. A organização seriada vem acumulando cada ano milhões de segregados, reprovados por não seguirem o suposto processo linear, seriado, do ensino dos conhecimentos e dos processos de aprender. Isso ocorre devido ao fato de tal organização homogeneizar processos mentais e de formação tão diversos e complexos.

Quando a organização seriada está em crise por ser antidemocrática, classificatória e segregadora e quando se avança tanto na compreensão de como a mente humana aprende, dos complexos processos do aprender humano, fica sem sentido propor que as escolas do campo, multisseriadas ou não seriadas, virem seriadas.

### **Uma organização que respeite os tempos humanos**

Talvez o caminho mais fecundo seja perguntar-nos para onde se avança na superação dos aspectos tão negativos que se lastram na organização linear, segmentada, classificatória e reprovadora da escola seriada. Inúmeras redes e escolas das cidades e dos campos têm avançado para organizar os currículos, tempos e espaços, o trabalho dos mestres e educandos, respeitando os tempos humanos, mentais, culturais, éticos, socializadores, identitários, corpóreos dos educandos. Respeitam-se os tempos-idades geracionais. Tempos estes que possuem suas especificidades de socialização, de aprendizagens, de formação: infâncias, pré-adolescência, adolescência, juventude, vida adulta.

O que significa organizar as escolas do campo de modo a respeitar esses tempos humanos? Significaria começar por tentar entender como estes são vividos

na especificidade dos campos. Como a criança vive a infância menor de zero a três, três a cinco anos; de que maneira ela se abre para a vida e se insere nas culturas do campo; que organização seria mais apropriada para a educação dessas infâncias menores no campo; que centros de educação infantil, que educadoras(es) e com qual formação específica; que cuidados e quais artes de educar; que articulação com as famílias, a relação, crianças, famílias, mães no campo. Significaria organizar a educação infantil respeitando-se as especificidades de ser criança no campo.

E as crianças de seis, sete, oito anos, como vivem esse tempo ainda da infância? Que especificidades têm na agricultura familiar, nos convívios e processos de socialização e aprendizagem, na relação com a terra, na entrada inicial nos processos de produção familiar, no aprendizado das lutas como “sem-terrinha”?

Reconhecida a especificidade desse tempo final da infância na especificidade do campo, define-se a organização escolar, a enturmação. Seria por idades? Por interidades ou por temporalidades humanas mais próximas? Como organizar os conhecimentos, os saberes, que trazem das especificidades de suas experiências infantis na especificidade do viver no campo? Que saberes, vivências, processos de aprender são comuns e específicos desse tempo humano final da infância? Como trabalhar o que é comum, em espaços comuns, com didáticas comuns, com educadores comuns a seu tempo de formação? Outra lógica bem distante da simplória organização multisseriada e seriada.

As mesmas indagações caberiam para como trabalhar e organizar o trabalho com pré-adolescentes de nove a 11 anos, ou adolescentes de 12 a 15 anos. Cada docente-educador, ou cada coletivo, teria de começar por entender a especificidade de ser pré-adolescente ou adolescente no campo, na agricultura familiar, nos convívios, na socialização, nas vivências e saberes, culturas, valores do campo, dos saberes da organização e lutas pela terra.

A partir dessas especificidades coletivas, tenta-se organizar conhecimentos: modos de ver o mundo, de se ver; modos de pensar o real e a especificidade desses tempos e das formas de vivê-los no campo; modos de ver a terra, de aprender a lutar pela terra. Que agrupamentos são mais próximos em vivências, saberes, socializações? Respeitar as vivências e saberes, os valores e modos de pensar o real e de pensar em si, de aprender e socializar-se nos convívios coletivos que não são diferentes por idades cronológicas, por anos de idade, mas que são próximos por temporalidades geracionais, pré-adolescentes, adolescentes, jovens ou adultos. O respeito à especificidade de cada tempo humano, de formação, geracional como critério central da organização escolar.

Respeitar organizando convívios-aprendizagens por tempos humanos vai além da lógica seriada e multisseriada. É a lógica do viver, do aprender humano, do socializar-nos como sujeitos culturais, intelectuais, éticos, sociais, políticos, identitários.

## Tratos humanos para aprender-nos humanos

Um depoimento muito pessoal. Li com especial interesse estes textos sobre “escolas multisseriadas” no campo, por um motivo que me toca. No dia em que cumpri seis anos, minha mãe me fez uma roupa especial e me levou da mão à escola do meu povoado, a mesma escola onde ela, meu pai, meus avós tinham estudado. Ninguém me disse ser uma escola “multisseriada”. Minha experiência escolar naquele campo foi de seis a dez anos com a turma dos “menores”, da infância, e de dez a 14 anos com a turma dos “maiores”, da adolescência.

Quando cheguei criança, convivi na mesma sala com os pares da infância, reconhecidos e respeitados nas nossas vivências da infância. Quando cresci, cheguei à adolescência, convivi, aprendi como adolescente com colegas adolescentes. Os mestres sabiam ser educadores de cada tempo humano, aprenderam a respeitar-nos em cada tempo.

Hoje entendo que a escola do campo em que vivi me respeitou na infância como criança e na adolescência como adolescente. Guardo um profundo reconhecimento de professores que me ensinaram a grande lição, a respeitar-me e respeitar os outros porque fui respeitado nos meus tempos humanos, nas minhas vivências, nos saberes e nas identidades do campo. Essa escola é possível.



## Apresentação

A Coleção Caminhos da Educação do Campo, ao publicar o segundo livro, reafirma sua função de informar, divulgar, socializar e instrumentalizar as práticas construídas pelos diferentes sujeitos que lutam por uma educação de qualidade e comprometida com a transformação da sociedade. Ao focar as “classes multisseriadas” nos aproximamos do símbolo, da materialidade, do sentido e do significado que a Educação Rural assumiu na história brasileira.

A palavra “multisseriada” nos conduz para espaços e tempos onde uma parcela significativa da população estudou nos anos iniciais de sua escolarização. Para uns significou um primeiro momento que se desdobrou em muitos outros. Para outros significou o limite, o impedimento de continuar, a ausência do direito à escola. Para a grande maioria sinalizou o caminho da cidade. No rancho de pau a pique, na casa da professora ou do fazendeiro, distante 2 a 5 Km da residência, o fato é que há quase um século um conjunto de crianças, com diferentes idades, se encontra com uma professora para o ofício de ensinar e aprender.

Ser “multisseriada” denuncia o diálogo com a série – herança do modo de organização da escola no meio urbano. Professores reinventam espaços, dividindo séries por filas de carteiras, separando o quadro, contando com o apoio dos alunos mais adiantados. Esses profissionais são desvalorizados, sem apoio pedagógico e indicações do que pode ou não pode ser feito, na angústia de reproduzir o modelo da cidade. Professores que também rompem com as séries, com os conteúdos por idade, vencem barreiras da depreciação e da falta de atenção com a escola e as populações do campo. A experiência das “classes multisseriadas” tem muito a nos ensinar. Há sinais de vida, de resistência, de vontade de fazer diferente.

Este livro, escrito com muitas mãos, evidencia o olhar de quem procura possibilidades. Pauta a discussão abrangendo múltiplos aspectos que retratam a

realidade educacional que os sujeitos do campo enfrentam nessas escolas. Mostra os desafios para que tais sujeitos tenham o seu direito à educação assegurada, em conformidade com o que estabelecem os parâmetros de qualidade do ensino público, anunciados nas legislações educacionais vigentes.

Ao longo de seus capítulos, os aspectos mais evidenciados referem-se à qualidade social do processo educacional e às possibilidades de intervenção qualificada no cotidiano das escolas do campo que oportunizem a elaboração e efetivação de políticas educacionais e de práticas pedagógicas contextualizadas e inovadoras, que contribuam para modificar o estigma da escolarização empobrecida, precarizada e abandonada que, de forma predominante ainda, configura a escolarização no meio rural.

O livro reúne 25 artigos, resultantes de investigações de mestrado, doutorado e de pesquisas e projetos institucionais desenvolvidos no interior de várias universidades públicas brasileiras, em diálogo com movimentos e organizações sociais do campo, abrangendo situações educativas que se processam nas diferentes regiões do Brasil. Abordam-se situações educacionais representativas da diversidade sociocultural que configura a ação das escolas multisseriadas junto às populações do campo na atualidade: assentamentos rurais; populações ribeirinhas, negras e quilombolas; escolas indígenas; escolas rurais em áreas de fazendas e de madeiras; e educação no semiárido.

Nos artigos, são tratados aspectos significativos da educação na infância e na juventude; do cotidiano das escolas, envolvendo os processos de ensino-aprendizagem e dos contextos mais amplos, como as políticas públicas que pautam as escolas multisseriadas; enfocam-se temáticas diversificadas que circulam nos contextos e lugares onde essas escolas são predominantes: currículo, diversidade, pedagogia da alternância, temas geradores, seriação, ciclos de formação, organização do trabalho pedagógico, formação de professores, custo-aluno-qualidade, ensino de ciências, de matemática, de história e atividades sobre linguagem, educação ambiental, sustentabilidade, entre outros.

Pretendemos com o livro desmistificar um discurso muito popularizado de que não há pesquisas, estudos, diagnósticos e propostas de intervenção que abordem a realidade das escolas rurais multisseriadas em nosso país, ainda que tenhamos que reconhecer que esses estudos e propostas ainda são insuficientes face às demandas e urgências que envolvem essa problemática. Do mesmo modo, é nossa intenção reunir e disponibilizar um conjunto de referências teóricas, de legislação, de políticas e de práticas pedagógicas produzidas por pesquisadores e grupos de pesquisa que se encontram em diferentes contextos e universidades, e contribuem para ampliar as possibilidades de intervenção do poder público e de organizações e movimentos sociais nas escolas que se localizam nas pequenas comunidades rurais brasileiras.



Não compactuamos com as práticas, ideias e políticas que mantêm a realidade das escolas rurais multisseriadas ainda fortemente marcada pela precariedade das condições existenciais e de infraestrutura; pelos altos índices de fracasso escolar, de defasagem idade-série e de frequência do trabalho infanto-juvenil – fator este que compromete a positividade do processo ensino-aprendizagem; pela existência de currículos deslocados da realidade do campo; pela sobrecarga de trabalho, instabilidade no emprego e angústias relacionadas à organização do trabalho pedagógico que os professores enfrentam; assim como pela falta de acompanhamento pedagógico das secretarias estaduais e municipais de educação.

Da mesma forma, é motivo de grande preocupação quando identificamos um grande número de sujeitos que ensinam, estudam, investigam ou demandam a educação no campo e na cidade se referir às escolas rurais multisseriadas como um “mal necessário”, um “grande problema”, um empecilho, um fardo muito pesado ou mesmo um impedimento para que o ensino e o direito à aprendizagem sejam assegurados nas escolas do campo, expressando sensações de imobilismo, de impotência, de falta de opção ou alternativa que a oferta da escolarização sob a forma de multissérie desencadeia.

No âmbito desse cenário pouco animador, temos assistido ao avanço da política de nucleação vinculada ao transporte escolar, como solução mais plausível para os grandes problemas enfrentados pelas escolas rurais multisseriadas, resultando no fechamento de escolas em pequenas comunidades rurais e na transferência dos estudantes para escolas localizadas em comunidades rurais mais populosas (sentido campo-campo) ou para a sede dos municípios (sentido campo-cidade). Dados oficiais do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), do Censo Escolar 2006, fortalecem essa argumentação ao revelarem que as escolas exclusivamente multisseriadas passaram de 62.024 em 2002 para 50.176 em 2006, e as matrículas nesse mesmo período passaram de 2.462.970 para 1.875.318; e que houve um crescimento no deslocamento dos estudantes do meio rural no sentido campo-cidade de mais de 20 mil alunos transportados e no sentido campo-campo de mais de 200 mil estudantes transportados em 2006.

De fato, a inexistência de escolas suficientes no campo tem imposto o deslocamento de 48% dos alunos dos anos iniciais e de 68,9% dos alunos dos anos finais do ensino fundamental para as escolas localizadas no meio urbano em todo o país, problema este que se agrava à medida que os alunos vão avançando para as séries mais elevadas, em que mais de 90% dos alunos do campo precisam se deslocar para as escolas urbanas a fim de cursar o Ensino Médio, segundo o Censo Escolar de 2002 do INEP. Se adicionarmos a esses dados as dificuldades de acesso às escolas do campo, as condições de conservação e o tipo de transporte

utilizado, bem como as condições de tráfego das estradas, concluímos que a saída do local de residência torna-se uma condição para o acesso à escola, uma imposição, e não uma opção dos estudantes do campo.

O livro, através de seus artigos, pauta todas essas problemáticas que envolvem as escolas rurais multisseriadas, oferecendo reflexões, experiências, pistas e alternativas que sejam capazes de propiciar um ambiente mais adequado às atividades de ensino-aprendizagem nas escolas do campo, que valorize as especificidades do meio rural e sua diversidade cultural e social.

No ano 2009, apesar de os dados não estarem ainda totalmente consolidados, o Censo Escolar indica a existência de 49.305 escolas exclusivamente multisseriadas no país, e um contingente expressivo de 1.214.800 de estudantes nelas matriculados. Para esses sujeitos, assim como para seus familiares e moradores das pequenas comunidades rurais localizadas nos quatro cantos de nosso país, a presença das escolas em suas próprias comunidades é fundamental para a preservação nesse espaço de redes sociais e produtivas, pois o deslocamento dos estudantes para os centros urbanos incentiva a saída das famílias de suas propriedades e aumenta sua preocupação com a segurança, o acompanhamento de seus filhos e a necessidade de lhes garantir a continuidade de estudos, em face às condições das estradas e dos transportes, à violência urbana e à convivência em ambientes diferentes de sua cultura local.

Em grande parte dessas pequenas comunidades rurais, as escolas, ofertadas sob a forma do multisseriado, representam a única presença explícita do Estado, materializado como equipamento público capaz de assegurar às populações do campo uma formação plena como ser humano, que tem assegurado o direito de acessar os conhecimentos, a cultura, os valores, a memória coletiva, as inovações do progresso tecnológico e os saberes do mundo do trabalho.

Diante da importância e centralidade das escolas para a autonomia, emancipação e empoderamento das populações do campo e para a produção, reprodução, renovação e sustentabilidade das pequenas comunidades rurais, oferecemos as reflexões realizadas neste livro, para que possamos fortalecer a esperança coletiva, na possibilidade de oferecer às populações do campo uma escola pública de qualidade social sintonizada com as peculiaridades de vida, de trabalho e de cultura das populações do campo, o que de forma nenhuma significa a perpetuação da experiência precarizada e empobrecida de educação que se efetiva nas escolas rurais multisseriadas tal qual existem na atualidade.

Para dar conta de sua intencionalidade, o livro se organiza em quatro seções que se articulam entre si, explorando diferentes dimensões do esforço desenvolvido pelos autores em seus estudos, pesquisas, reflexões e intervenções envolvendo as escolas rurais multisseriadas.

A primeira, intitulada “Escolas multisseriadas frente aos desafios da garantia do direito e da qualidade do ensino no campo”, apresenta aspectos de realidade das escolas multisseriadas, focando a precarização e a diversidade, problematizando as representações negativas sobre essas escolas e revelando um conjunto de referências para elaboração, efetivação e análise de políticas educacionais, que contemplem aspectos significativos da diversidade regional existente no país, do trabalho docente, das especificidades com relação às questões raciais e de financiamento, e assegurem o direito à educação das populações do campo e o funcionamento adequado das escolas.

A segunda, “Educação do Campo e pesquisa: retratos de realidade das escolas multisseriadas”, expressa, através de diferentes estudos e pesquisas, diagnósticos e reflexões sobre currículo, formação, identidade e trabalho docente em diferentes situações nas quais se materializam as escolas multisseriadas, destacando a dimensão das políticas, das práticas pedagógicas, do ensino e da organização curricular.

A terceira, “Práticas pedagógicas e inovação nas escolas do campo: construindo caminhos de superação da precarização do ensino multisseriado”, oferece diferentes possibilidades de intervenção qualificada na dinâmica e no cotidiano das escolas rurais multisseriadas que oportunizem a superação da precarização que configura a realidade da maioria dessas escolas, envolvendo diferentes contextos: assentamentos rurais, semiárido, populações ribeirinhas e populações do campo do sul do país; sob diferentes perspectivas: formação continuada de professores, trabalho docente, organização do ensino, trabalho com a linguagem, o ensino da história e a educação ambiental.

A quarta e última seção, “Pela transgressão do paradigma multisseriado da escola do campo: algumas referências para o debate”, compartilha diferentes reflexões que pautam as escolas rurais multisseriadas em contextos diversos, como as aldeias indígenas e as comunidades ribeirinhas, com a perspectiva de fortalecer a nossa esperança de que uma outra educação é possível de acontecer nas escolas do campo, particularmente, quando os sujeitos que nelas atuam são capazes de transcender às referências conceituais e de práticas pedagógicas que as configuram como o retrato da precarização e do empobrecimento da educação, que é oferecida ao meio rural brasileiro.

Com a publicação deste livro, fazemos uma homenagem aos professores, pais e estudantes que em quase um século fizeram das “classes multisseriadas” um espaço/tempo de recriação da escola como local de produção e socialização do conhecimento.

Os organizadores

